

{k0} - 2024/08/16 Notícias de Inteligência ! (pdf)

Autor: symphonyinn.com Palavras-chave: {k0}

Autoridades chinesas e de Hong Kong prendem ou colocam sob vigilância opositores antes da comemoração da Massacre da Praça Tiananmen

De acordo com grupos de direitos humanos, autoridades chinesas e de Hong Kong prendem ou colocam sob vigilância vários opositores antes da comemoração do 35º aniversário da Massacre da Praça Tiananmen, que ocorreu {k0} 4 de junho.

Em 4 de junho, serão 35 anos desde que soldados chineses encerraram uma manifestação pacífica de longa data com violência, matando um número desconhecido de pessoas, estimado de alguns centenas a alguns milhares.

Eventos de comemoração estão planejados {k0} várias cidades {k0} todo o mundo, incluindo Tóquio, Londres, Taipei e Nova York - onde um museu dedicado ao massacre foi aberto no ano passado - mas não no país {k0} que ocorreu.

Proibição de lembrar o massacre

O evento foi proibido de ser reconhecido publicamente na China, o que obriga aqueles que desejam comemorá-lo ou discutí-lo a encontrar formas criativas de contornar os censores para evitar a perseguição.

A Human Rights Watch disse que várias pessoas ligadas à comemoração de 4 de junho foram colocadas sob vigilância ou temporariamente removidas de suas casas por autoridades. Entre eles estão Zhan Xianling, membro fundadora do grupo Tiananmen Mothers de parentes de vítimas, o advogado de direitos humanos Pu Zhiqiang e o líder estudantil de Guizhou, Ji Feng.

Crackdown {k0} Hong Kong

Durante três décadas, o maior evento memorial de Tiananmen foi realizado {k0} Hong Kong, mas sob um endurecimento da repressão do governo da cidade contra o movimento pró-democracia, isso também foi banido. Tentativas de organizar vigílias com velas pelo cidade e {k0} residências resultaram {k0} prisões.

Na semana passada, a polícia de Hong Kong prendeu sete pessoas usando uma nova lei de segurança nacional, acusando-as de publicar mensagens com intenção sediciosa antes de uma "data sensível".

A polícia procurou residências e apreendeu dispositivos eletrônicos. "Aqueles que têm a intenção de ameaçar a segurança nacional não devem supor que possam evitar a perseguição policial online de forma anônima", disse a polícia.

Uma das mulheres presas já estava {k0} prisão. Os meios de comunicação locais a identificaram como Chow Hang-tung, uma advogada proeminente e ativista de direitos humanos que está presa por outras acusações.

O caso de Chow é o assunto de um documentário que será exibido {k0} um evento de 4 de junho no Japão às terça-feira. Ela foi uma organizadora das Vigílias da Tiananmen {k0} Hong Kong, com a Aliança de Hong Kong {k0} Apoio aos Movimentos Patrióticos Democráticos da China,

que desde então foi desfeita. No entanto, {k0} dezembro de 2024, ela e outras pessoas foram acusadas de "incitar outras pessoas a participar de um comício não autorizado". Chow foi absolvida, mas isso foi subseqüentemente revertido pela corte de apelação {k0} janeiro.

"O governo chinês está procurando apagar a memória da Massacre da Praça Tiananmen {k0} toda a China e {k0} Hong Kong", disse Maya Wang, diretora interina da China na Human Rights Watch. "Mas 35 anos depois, o governo não conseguiu apagar o respeito à democracia e aos direitos humanos na China".

As duas novas leis de segurança nacional desde 2024 criaram um clima de medo e auto-censura {k0} Hong Kong, onde ativistas, mídia e outros dizem que não está claro onde estão as linhas vermelhas para as autoridades.

Mídia {k0} Hong Kong

Em {k0} edição mais recente, o jornal cristão de Hong Kong, Christian Times, publicou principalmente espaços {k0} branco na {k0} página inicial. Ele também não publicou online como de costume, dizendo que não podia por causa de "circunstâncias".

Em um editorial, o jornal, que no passado publicou frequentemente artigos sobre a comemoração da Tiananmen, disse que a sociedade se tornou "restritiva" e que podia responder à situação atual "transformando parágrafos {k0} quadrados {k0} branco e espaço {k0} branco".

"Apenas uma oração que surge da memória histórica pode suscitar 'preocupação'," disse.

"Enfrentar a história honestamente não é perpetuar ressentimentos, nem caluniar e incitar, mas dar a uma base sólida de arrependimento e reconciliação no futuro."

Relatório adicional por Chi Hui Lin

Partilha de casos

Autoridades chinesas e de Hong Kong prendem ou colocam sob vigilância opositores antes da comemoração da Massacre da Praça Tiananmen

De acordo com grupos de direitos humanos, autoridades chinesas e de Hong Kong prendem ou colocam sob vigilância vários opositores antes da comemoração do 35º aniversário da Massacre da Praça Tiananmen, que ocorreu {k0} 4 de junho.

Em 4 de junho, serão 35 anos desde que soldados chineses encerraram uma manifestação pacífica de longa data com violência, matando um número desconhecido de pessoas, estimado de alguns centenas a alguns milhares.

Eventos de comemoração estão planejados {k0} várias cidades {k0} todo o mundo, incluindo Tóquio, Londres, Taipei e Nova York - onde um museu dedicado ao massacre foi aberto no ano passado - mas não no país {k0} que ocorreu.

Proibição de lembrar o massacre

O evento foi proibido de ser reconhecido publicamente na China, o que obriga aqueles que desejam comemorá-lo ou discuti-lo a encontrar formas criativas de contornar os censores para evitar a perseguição.

A Human Rights Watch disse que várias pessoas ligadas à comemoração de 4 de junho foram colocadas sob vigilância ou temporariamente removidas de suas casas por autoridades. Entre eles estão Zhan Xianling, membro fundadora do grupo Tiananmen Mothers de parentes de vítimas, o advogado de direitos humanos Pu Zhiqiang e o líder estudantil de Guizhou, Ji Feng.

Crackdown {k0} Hong Kong

Durante três décadas, o maior evento memorial de Tiananmen foi realizado {k0} Hong Kong, mas sob um endurecimento da repressão do governo da cidade contra o movimento pró-democracia, isso também foi banido. Tentativas de organizar vigílias com velas pelo cidade e {k0} residências resultaram {k0} prisões.

Na semana passada, a polícia de Hong Kong prendeu sete pessoas usando uma nova lei de segurança nacional, acusando-as de publicar mensagens com intenção sediciosa antes de uma "data sensível".

A polícia procurou residências e apreendeu dispositivos eletrônicos. "Aqueles que têm a intenção de ameaçar a segurança nacional não devem supor que possam evitar a perseguição policial online de forma anônima", disse a polícia.

Uma das mulheres presas já estava {k0} prisão. Os meios de comunicação locais a identificaram como Chow Hang-tung, uma advogada proeminente e ativista de direitos humanos que está presa por outras acusações.

O caso de Chow é o assunto de um documentário que será exibido {k0} um evento de 4 de junho no Japão às terça-feira. Ela foi uma organizadora das Vigílias da Tiananmen {k0} Hong Kong, com a Aliança de Hong Kong {k0} Apoio aos Movimentos Patrióticos Democráticos da China, que desde então foi desfeita. No entanto, {k0} dezembro de 2024, ela e outras pessoas foram acusadas de "incitar outras pessoas a participar de um comício não autorizado". Chow foi absolvida, mas isso foi subsequentemente revertido pela corte de apelação {k0} janeiro.

"O governo chinês está procurando apagar a memória da Massacre da Praça Tiananmen {k0} toda a China e {k0} Hong Kong", disse Maya Wang, diretora interina da China na Human Rights Watch. "Mas 35 anos depois, o governo não conseguiu apagar o respeito à democracia e aos direitos humanos na China".

As duas novas leis de segurança nacional desde 2024 criaram um clima de medo e auto-censura {k0} Hong Kong, onde ativistas, mídia e outros dizem que não está claro onde estão as linhas vermelhas para as autoridades.

Mídia {k0} Hong Kong

Em {k0} edição mais recente, o jornal cristão de Hong Kong, Christian Times, publicou principalmente espaços {k0} branco na {k0} página inicial. Ele também não publicou online como de costume, dizendo que não podia por causa de "circunstâncias".

Em um editorial, o jornal, que no passado publicou frequentemente artigos sobre a comemoração da Tiananmen, disse que a sociedade se tornou "restritiva" e que podia responder à situação atual "transformando parágrafos {k0} quadrados {k0} branco e espaço {k0} branco".

"Apenas uma oração que surge da memória histórica pode suscitar 'preocupação'," disse.

"Enfrentar a história honestamente não é perpetuar ressentimentos, nem caluniar e incitar, mas dar a uma base sólida de arrependimento e reconciliação no futuro."

Relatório adicional por Chi Hui Lin

Expanda pontos de conhecimento

Autoridades chinesas e de Hong Kong prendem ou colocam sob vigilância opositores antes da comemoração da Massacre da Praça Tiananmen

De acordo com grupos de direitos humanos, autoridades chinesas e de Hong Kong prendem ou

colocam sob vigilância vários opositores antes da comemoração do 35º aniversário da Massacre da Praça Tiananmen, que ocorreu {k0} 4 de junho.

Em 4 de junho, serão 35 anos desde que soldados chineses encerraram uma manifestação pacífica de longa data com violência, matando um número desconhecido de pessoas, estimado de alguns centenas a alguns milhares.

Eventos de comemoração estão planejados {k0} várias cidades {k0} todo o mundo, incluindo Tóquio, Londres, Taipei e Nova York - onde um museu dedicado ao massacre foi aberto no ano passado - mas não no país {k0} que ocorreu.

Proibição de lembrar o massacre

O evento foi proibido de ser reconhecido publicamente na China, o que obriga aqueles que desejam comemorá-lo ou discutí-lo a encontrar formas criativas de contornar os censores para evitar a perseguição.

A Human Rights Watch disse que várias pessoas ligadas à comemoração de 4 de junho foram colocadas sob vigilância ou temporariamente removidas de suas casas por autoridades. Entre eles estão Zhan Xianling, membro fundadora do grupo Tiananmen Mothers de parentes de vítimas, o advogado de direitos humanos Pu Zhiqiang e o líder estudantil de Guizhou, Ji Feng.

Crackdown {k0} Hong Kong

Durante três décadas, o maior evento memorial de Tiananmen foi realizado {k0} Hong Kong, mas sob um endurecimento da repressão do governo da cidade contra o movimento pró-democracia, isso também foi banido. Tentativas de organizar vigílias com velas pelo cidade e {k0} residências resultaram {k0} prisões.

Na semana passada, a polícia de Hong Kong prendeu sete pessoas usando uma nova lei de segurança nacional, acusando-as de publicar mensagens com intenção sediciosa antes de uma "data sensível".

A polícia procurou residências e apreendeu dispositivos eletrônicos. "Aqueles que têm a intenção de ameaçar a segurança nacional não devem supor que possam evitar a perseguição policial online de forma anônima", disse a polícia.

Uma das mulheres presas já estava {k0} prisão. Os meios de comunicação locais a identificaram como Chow Hang-tung, uma advogada proeminente e ativista de direitos humanos que está presa por outras acusações.

O caso de Chow é o assunto de um documentário que será exibido {k0} um evento de 4 de junho no Japão às terça-feira. Ela foi uma organizadora das Vigílias da Tiananmen {k0} Hong Kong, com a Aliança de Hong Kong {k0} Apoio aos Movimentos Patrióticos Democráticos da China, que desde então foi desfeita. No entanto, {k0} dezembro de 2024, ela e outras pessoas foram acusadas de "incitar outras pessoas a participar de um comício não autorizado". Chow foi absolvida, mas isso foi subsequentemente revertido pela corte de apelação {k0} janeiro.

"O governo chinês está procurando apagar a memória da Massacre da Praça Tiananmen {k0} toda a China e {k0} Hong Kong", disse Maya Wang, diretora interina da China na Human Rights Watch. "Mas 35 anos depois, o governo não conseguiu apagar o respeito à democracia e aos direitos humanos na China".

As duas novas leis de segurança nacional desde 2024 criaram um clima de medo e auto-censura {k0} Hong Kong, onde ativistas, mídia e outros dizem que não está claro onde estão as linhas vermelhas para as autoridades.

Mídia {k0} Hong Kong

Em {k0} edição mais recente, o jornal cristão de Hong Kong, Christian Times, publicou principalmente espaços {k0} branco na {k0} página inicial. Ele também não publicou online como de costume, dizendo que não podia por causa de "circunstâncias".

Em um editorial, o jornal, que no passado publicou frequentemente artigos sobre a comemoração da Tiananmen, disse que a sociedade se tornou "restritiva" e que podia responder à situação atual "transformando parágrafos {k0} quadrados {k0} branco e espaço {k0} branco".

"Apenas uma oração que surge da memória histórica pode suscitar 'preocupação'," disse.

"Enfrentar a história honestamente não é perpetuar ressentimentos, nem caluniar e incitar, mas dar a uma base sólida de arrependimento e reconciliação no futuro."

Relatório adicional por Chi Hui Lin

comentário do comentarista

Autoridades chinesas e de Hong Kong prendem ou colocam sob vigilância opositores antes da comemoração da Massacre da Praça Tiananmen

De acordo com grupos de direitos humanos, autoridades chinesas e de Hong Kong prendem ou colocam sob vigilância vários opositores antes da comemoração do 35º aniversário da Massacre da Praça Tiananmen, que ocorreu {k0} 4 de junho.

Em 4 de junho, serão 35 anos desde que soldados chineses encerraram uma manifestação pacífica de longa data com violência, matando um número desconhecido de pessoas, estimado de alguns centenas a alguns milhares.

Eventos de comemoração estão planejados {k0} várias cidades {k0} todo o mundo, incluindo Tóquio, Londres, Taipei e Nova York - onde um museu dedicado ao massacre foi aberto no ano passado - mas não no país {k0} que ocorreu.

Proibição de lembrar o massacre

O evento foi proibido de ser reconhecido publicamente na China, o que obriga aqueles que desejam comemorá-lo ou discutí-lo a encontrar formas criativas de contornar os censores para evitar a perseguição.

A Human Rights Watch disse que várias pessoas ligadas à comemoração de 4 de junho foram colocadas sob vigilância ou temporariamente removidas de suas casas por autoridades. Entre eles estão Zhan Xianling, membro fundadora do grupo Tiananmen Mothers de parentes de vítimas, o advogado de direitos humanos Pu Zhiqiang e o líder estudantil de Guizhou, Ji Feng.

Crackdown {k0} Hong Kong

Durante três décadas, o maior evento memorial de Tiananmen foi realizado {k0} Hong Kong, mas sob um endurecimento da repressão do governo da cidade contra o movimento pró-democracia, isso também foi banido. Tentativas de organizar vigílias com velas pelo cidade e {k0} residências resultaram {k0} prisões.

Na semana passada, a polícia de Hong Kong prendeu sete pessoas usando uma nova lei de segurança nacional, acusando-as de publicar mensagens com intenção sediciosa antes de uma "data sensível".

A polícia procurou residências e apreendeu dispositivos eletrônicos. "Aqueles que têm a intenção de ameaçar a segurança nacional não devem supor que possam evitar a perseguição policial online de forma anônima", disse a polícia.

Uma das mulheres presas já estava {k0} prisão. Os meios de comunicação locais a identificaram como Chow Hang-tung, uma advogada proeminente e ativista de direitos humanos que está presa por outras acusações.

O caso de Chow é o assunto de um documentário que será exibido {k0} um evento de 4 de junho no Japão às terça-feira. Ela foi uma organizadora das Vigílias da Tiananmen {k0} Hong Kong, com a Aliança de Hong Kong {k0} Apoio aos Movimentos Patrióticos Democráticos da China, que desde então foi desfeita. No entanto, {k0} dezembro de 2024, ela e outras pessoas foram acusadas de "incitar outras pessoas a participar de um comício não autorizado". Chow foi absolvida, mas isso foi subseqüentemente revertido pela corte de apelação {k0} janeiro.

"O governo chinês está procurando apagar a memória da Massacre da Praça Tiananmen {k0} toda a China e {k0} Hong Kong", disse Maya Wang, diretora interina da China na Human Rights Watch. "Mas 35 anos depois, o governo não conseguiu apagar o respeito à democracia e aos direitos humanos na China".

As duas novas leis de segurança nacional desde 2024 criaram um clima de medo e auto-censura {k0} Hong Kong, onde ativistas, mídia e outros dizem que não está claro onde estão as linhas vermelhas para as autoridades.

Mídia {k0} Hong Kong

Em {k0} edição mais recente, o jornal cristão de Hong Kong, Christian Times, publicou principalmente espaços {k0} branco na {k0} página inicial. Ele também não publicou online como de costume, dizendo que não podia por causa de "circunstâncias".

Em um editorial, o jornal, que no passado publicou frequentemente artigos sobre a comemoração da Tiananmen, disse que a sociedade se tornou "restritiva" e que podia responder à situação atual "transformando parágrafos {k0} quadrados {k0} branco e espaço {k0} branco".

"Apenas uma oração que surge da memória histórica pode suscitar 'preocupação'," disse.

"Enfrentar a história honestamente não é perpetuar ressentimentos, nem caluniar e incitar, mas dar a uma base sólida de arrependimento e reconciliação no futuro."

Relatório adicional por Chi Hui Lin

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: {k0}

Palavras-chave: {k0} - 2024/08/16 Notícias de Inteligência ! (pdf)

Data de lançamento de: 2024-08-16

Referências Bibliográficas:

1. [brabet net](#)
2. [dia do esportista](#)
3. [blaze modo crash](#)
4. [app de cassino que ganha dinheiro](#)